

Quão pouco, para tanto!

Em recente artigo(1), o professor Thomas L. Petty descreve, com brilhante simplicidade e sinceridade, como a Síndrome da Angústia Respiratória Aguda foi descoberta e descrita. Ele e seu colega Dave G. Ashbaugh eram recém egressos de programas de *fellowship* e iniciaram suas carreiras acadêmicas, juntando-se à Faculdade de Medicina da Universidade do Colorado, através de uma oferta de US\$2.500,00 para a compra de um aparelho de gasometria. A eles se juntaram mais dois *fellows*: Bernie E. Levine e D. Boyd Bigelow. Na ocasião, idos de 1964, receberam como local de trabalho um “laboratório” com pouco mais de oitenta metros quadrados, que possuía como facilidades uma pia, água corrente e a responsabilidade de formar o Serviço de Cuidados Respiratórios do novo Hospital Geral Colorado. Quão pouco, para tanto! Apesar disso, relata Petty ele cantou de alegria: “*I can do blood gasses, tee-hee, tee hee*”. Esse desafio não foi apenas bem sucedido, mas gerou um dos clássicos da Medicina da segunda metade do século passado.(2)

Após ler o relato, lembrei-me da história que um antigo professor de microbiologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul contou-nos há alguns anos. Nas décadas de 30 e 40, quando um microbiologista encontrava suas culturas contaminadas com fungos, ficava enfurecido, pois essa contaminação impedia que suas colônias prosperassem. Flemming, pelo jeito, não se enfureceu, ao contrário, perguntou-se por que os fungos impediam o crescimento bacteriano e, com essa pergunta, descobriu uma nova era: a dos antibióticos.

O que afinal esses dois fatos têm em comum? E que relação eles têm com um editorial da RBTI? Explico-me nos parágrafos que se seguem.

É fato conhecido a baixa produção intelectual no Brasil, a despeito da proliferação de cursos de graduação e de pós-graduação por todos os lados. Nossas universidades caracterizam-se como formadoras de mão de obra, cuja qualidade pode ser severamente questionada também, e nunca como produtoras de conhecimento. Não é para menos que nunca tivemos indicações para prêmio Nobel em qualquer área científica, e ao que parece, tão cedo não teremos, enquanto a Argentina, nossa vizinha e eterna rival, já abocanhou um em Fisiologia com o Professor Houssay. Esses fatos refletem-se diretamente nas tentativas de publicações técnico-científicas — seus editores que o digam — sempre carentes de material de boa qualidade. O que nos falta? Curiosidade para formulação de questões de pesquisa? Falta de metodologia para tentar resolver nossa curiosidade acadêmica? Timi-

dez? Um pouco de tudo?

Talvez o déficit seja de um pouco de tudo. Escondemo-nos atrás da desculpa da eterna falta de recursos, mas como podemos ver, foi com muito pouco que o grupo de Petty conseguiu tanto, e com a observação de um fato banal por todos conhecidos que Flemming descobriu a penicilina.

Na realidade a genialidade está em saber formular as perguntas certas e buscar os porquês adequados. Trabalhos epidemiológicos, tão raros em nosso meio, precisavam muito pouco mais do que idéias, método, papel, lápis e disposição.

Temos recebido para a publicação muitos artigos de revisão e relatos de casos. Não que tais assuntos não sejam relevantes. Às vezes até o são. Os relatos de caso se justificam em situações raras ou exóticas, mas não é o que se tem observado. Às vezes, a raridade fica expressa apenas pela surpresa do autor que desconhecia o assunto anteriormente. Da mesma forma, a publicação de experiência pessoal pouco acrescenta se não for algo muito consistente e de um serviço de ponta. Revisões, por outro lado, são produto — ou pelo menos deveriam ser — de *experts*, geralmente convidados pelo corpo editorial da revista. Temos recebido revisões realizadas por acadêmicos, todavia...

Dizer-se, por outro lado, que os membros da AMIB não possuem produção científica suficiente para a edição de uma revista de bom nível também não é verdade. Inúmeros são professores universitário e professores de pós-graduações, seu orientandos, com certeza, possuem trabalhos, que são subprodutos de suas teses e dissertações que mereceriam ser publicados. Por que não utilizá-los na RBTI?

Por ocasião do último exame para obtenção do título de especialista, tive a oportunidade de revisar algumas monografias de postulantes. Algumas são excelentes. Por que não utilizá-las na RBTI? Para esse propósito, já encaminhamos uma solicitação à Comissão de Formação de Intensivistas da AMIB.

Concluindo, o que mais precisamos são artigos que testem hipóteses; somente desta maneira teremos uma publicação de peso e que se equipare, na pesquisa, o nível já alcançado na parte assistencial.

Dr. Cleovaldo T. S. Pinheiro
Editor Chefe

CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

1. Petty TL. In the cards was ARDS (How we discovered the Acute Respiratory Distress Syndrome). *Am J Respir Crit Care Med* 2001;163:602-3.
2. Ashbaugh DG, Bigelow DB, Petty TL, et al. Acute respiratory distress in adults. *Lancet* 1967; 2:319-23.